

# Público

No ano em que a Universidade de Coimbra foi considerada Património da Humanidade pela UNESCO, a sua belíssima Biblioteca completa também 500 anos de existência. Para assinalar esta data o PÚBLICO lança, em parceria com A Bela e o Monstro, a colecção 1.ª Edições Fac-similadas que reúne 16 obras emblemáticas da cultura portuguesa na sua versão fac-simile, ou seja, numa reprodução exacta da edição original, incluindo fontes de letras, escala, ilustrações, diagramação e paginação. Todos os domingos, antes da saída de cada volume, especialistas convidados analisarão aqui cada uma das obras editadas. Começamos com *Os Lusíadas*, que será distribuído no dia 8.

## O clássico pelo qual os outros clássicos se medem



### Opinião

Hélio J. S. Alves

Houve coisas grandes feitas antes e depois d'*Os Lusíadas*, algumas talvez até maiores. Mas não há nada de tão incontornável. Nem na literatura, nem na história, artes, política, economia, direito, na guerra ou na paz. Sem *Os Lusíadas*, expressões como "cultura portuguesa", "estudos portugueses" e "lusofonia" ficam esvaídas de significado. É até duvidoso que faça sentido falar em "globalização" ou em "modernidade" sem o poema. Camões escreveu muito mais e de muito bom. Mas o poema é este e só podia ser este. É nele que se define tudo, para o bem, para o mal, e para além do bem e do mal.

Mas alguém o adivinhava em 1572, o ano zero da edição? A tipografia de António Gonçalves andou aflita de trabalho naqueles meses. Papel, rosto, grafia, aparato introdutório, variações de exemplar para exemplar, tudo aparenta pressa. Alguém queria que o poema saísse rapidamente e tinha meios para o conseguir. Sinal de que Camões não era tão ignorado e menosprezado como ele próprio se retrata no poema e como os comentadores foram repetindo ao longo do tempo. Provavelmente pobre (testemunhos antigos insinuam que era perdulário), teve, porém, altos e raros patrocínios. Embora os poetas em geral procurassem favores de D. Sebastião, Camões foi o único a merecer dele uma tença parcialmente literária, pelo "engenho", "habilidade" e "suficiência que mostrou" n'*Os Lusíadas*. Foi o único poeta português da época a ser retratado em vida. Foi o primeiro a ver impresso um livro seu de versos portugueses, embora



outros tivessem reunido as obras poéticas, ou composto epopeias, antes dele. Criou-se há muito o mito duma conspiração de silêncio, mas o certo é que Camões foi convidado a escrever poemas de circunstância em várias ocasiões, recebeu elogios de poetas coevos e conviveu com alguns. É verdade que não se pode assegurar a origem dos ossos que estão nos Jerónimos, mas quantos são os artistas de Quinhentos de quem se pode garantir a genuinidade dos restos mortais ou sequer mostrar o lugar onde foram enterrados? As notícias de que o reino lhe foi ingrato são, no mínimo, exageradas.

Se o autor não era, nem de longe, um desconhecido, o título da obra foi concebido para obter o máximo impacto. *Lusíadas* é um neologismo erudito, nunca antes empregue em língua portuguesa.

Recordava imediatamente títulos de epopeias como *Ilíada*, *Eneida* e *Cristíada*, só que no plural. Camões não escolheu um herói (Aquiles, Enéias, Cristo)



e um grande acontecimento, mas muitos heróis e muitos acontecimentos. Se, por um lado, imitava poetas anteriores, por outro era moderno. *Os Lusíadas* não representam uma colectividade mas uma pluralidade. Isto foi tão difícil de entender que alguns editores antigos mudaram o título para *Lusíada* ou *A Lusíada*, e houve quem falasse em "herói colectivo". É certo que a viagem de Vasco da Gama serve de eixo a *Os Lusíadas*, mas, como se vê da lista que Camões fornece nas 3 oitavas da frente da folha 3, o Gama é apenas um protagonista entre muitos. Inês de Castro, o Velho do Restelo, o Adamastor e a própria Máquina do Mundo são figuras maiores do que o capitão. O Canto Sexto (o melhor de todos) inclui a viagem de Baco, o desfile dos deuses do mar, a tempestade, a sedução dos ventos pelas ninfas, as cinco oitavas finais. Tudo isso é magistral, mas cada personagem e cada cena vale por si, como um retrato numa galeria de arte ou um número brilhante num espectáculo de variedades.

Contudo, o título do poema significa mais. Uma das razões para lhe não preferir *Os Portugueses* é etiológica, quer dizer, trata de origens e causas. O plural designa "os filhos" ou "os descendentes" de Luso. E quem era Luso? Camões encarregou-se de responder 3 vezes, no princípio, no meio e no fim da viagem: Luso foi o confidente, o íntimo, o filho que Baco pôs a colonizar o Ocidente peninsular. Portanto, dizer *Os Lusíadas* significa dizer também "Os Filhos de Baco". As consequências são tremendas. No poema, Baco é o inimigo dos portugueses, apesar de saber (porque conhece o Destino) que está irremediavelmente condenado à derrota. Assim, mito, história e cenas individuais acabam por associar-se, em sentido profundo. E o título nem esse sentido deixa escapar.